

Dois Caderno

Maria Martins


Ontem, 1 de dezembro, a Maria Martins assoprou mais um velinha, comemorando seu aniversário ao lado dos filhos Zé Adriano, Leandro e Luciana (que também aparecem na foto). Recebeu também os parabéns das amigas Edy, Luzia, Fia e Joana Ribeiro, além dos demais familiares e amigos.

Eventos

O baile deste sábado do Clube da Terceira Idade, com início impreterivelmente às 22 horas, será animado pela banda Forrónejo, de Herculândia. E no Grêmio Leopoldo Fróes, encerrando a temporada dançante de 2017, acontecerá a tradicional Festa de Noel, dia 16, com a banda Cia. da Noite e uma suculenta mesa de frios.


Emídio Baía

Na próxima terça-feira, dia 5, o Emídio Baía comemora mais um aniversário natalício. Os parabéns serão da esposa Rita, filhos Selma, Júnior e Sheila, dos netos, bisnetos, demais familiares, amigos e clientes.

Daiane


Quem comemorou mais um aniversário no dia 28 foi a Daiane. Recebeu os parabéns do esposo Cezar, dos pais Joana e Carlos, dos irmãos Ana Laura e Eduardo e dos demais familiares e amigos. Parabéns, Daiane!


Geraldo

No domingo passado, dia 26, foi festejado mais um aniversário natalício do Geraldo Alves dos Santos, diretor Executivo do Sincomercários de Garça, juntamente com sua esposa Mercedes, dos filhos Everton e Rodrigo, das noras Érica e Cibeli, das netas Sofia e Heloisa e do bisneto Murilo. Felicidades, Geraldo. que Deus continue te abençoando!

não tinha direito à felicidade de ter um lar, um homem, um amor. E assim Cecília vai vivendo sua vida: caminha na estrada da solidão, longa e penosa, com uma garra viril, sonhando sonhos impossíveis que, de quando em quando, parecem se concretizar e que, na verdade, não passam de pequenos oásis no deserto imenso. Gosto quando me liga para um papo ao telefone, pois sempre há uma novidade. A única razão afinal que dá a ela um sentido na vida é a razão profissional: a mulher avança e se desenvolve na ocupação. É o sol que lhe ilumina a vida e sempre lhe dá esperança de um dia... ainda ser feliz com alguém!

Coluna Reminiscência

Ariovaldo Izac

Paulinho Massariol preferia reserva à improvisação

Se um treinador optar pela improvisação de um subordinado em outra posição, provavelmente a resposta será 'sim senhor'. E para se resguardar, o dito cujo antecipa justificativa que está colaborando, que é jogador de grupo, etc., etc.

Que tal uma viagem no tempo e constatar o contraste? Em 1978 o então centroavante Paulinho Massariol, artilheiro daquele Campeonato Brasileiro com 19 gols pelo Vasco, acabou adaptado à ponta-esquerda com o retorno do intocável centroavante Roberto Dinamite, que havia participado da Seleção Brasileira na Copa do Mundo da Argentina.

Pois Paulinho usou de franqueza no diálogo com o saudoso treinador Carlos Froner, ao recusar improvisação. "Prefiro ficar no banco aguardando a minha vez. Jogando fora de minha posição sei que estou prejudicando a minha carreira, pois não rendo nem 50% de meu futebol. Um ponta-esquerda precisa ir à linha de fundo, e essa não é a minha especialidade".

Antes da passagem por Palmeiras e Grêmio, Paulinho jogou na Ponte Preta no segundo semestre de 1980, quando inicialmente não conseguiu se firmar como titular sob o comando do saudoso treinador Zé Duarte, mas pos-

teriormente acabou efetivado quando Jair Picerni saiu do comando dos juniores para ser efetivado no profissional. E ficou no lucro ao marcar dois gols na goleada por 3 a 0 sobre o Guarani.

Paulinho não era centroavante rápido, mas sabia proteger a bola de adversários. Girava e arriscava finalizações de média e longa distância. Explorava o chute forte e pontaria aceitável para marcar gols.

Natural de Piracicaba, interior de São Paulo, ele seguiu os passos do saudoso pai Idiarte Massariol, ao vestir a camisa do XV local. O diferencial de Paulinho é que na passagem de três anos, a partir de 1974, foi cobinado por grandes clubes, enquanto Idiarte entrou para a história dos quinzistas como recordista em partidas: 539, com ênfase nas conquistas do bicampeonato do interior em 1947 e 1948, e do Torneio Início de 1949.

Paulo Luiz Massariol, que em abril próximo vai completar 60 anos de idade, radicado em Piracicaba, cuida de sua escolinha de futebol, após tentativa de ingresso na função de treinador. Consta no currículo dele volta ao XV no biênio 1986/87, após experiência no futebol mexicano no Estudantes Tecos. O encerramento da carreira ocorreu no Vila Nova (GO) em 1989.

Rafael


Quem está completando mais um ano de vida hoje é o professor Rafael, que recebe os parabéns dos pais Ivo Jr. e Cida, e da avó Elizabeth.

Filho, desejamos a você toda felicidade do mundo e que você continue sendo esse homem e sempre conquistando tudo que almeja para sua vida. Que Deus o abençoe e sempre mantenha acessas as luzes do seu caminho e nunca se esqueça de nosso amor incondicional por você. Parabéns!


Aniversariantes da semana
02/12 a 08/12/2017

Nome	Empresa	Data
Maria Regina Maganha Miranda Soares	Sapataria	03/12
Laercio Marques	Eclipse Modas	05/12
Edilson Batista	Container	06/12
Edilson Batista	Ferro Forte	06/12
João Francisco Galhardo	Embaplas	06/12
Waldemar Garcia Venuto	Funilaria Venuto	07/12
Rejane Aparecida Valerio	Rei Do Real	08/12

Parabéns a todos e bons negócios !!!
Crônica dos acontecimentos escolares
Letterio Santoro


AGOSTO

Agosto, 21. Penso seriamente em me casar com Maria Clara. Conversei com ela sobre isso. Ela me deu um olhar tão doce e me apertou a mão com tanta ternura que ainda agora me comovem. E contou que já sonhava com uma casinha cheia de graça (logo pensei nos quadros dela pelas paredes), onde a gente pudesse viver alegremente com os filhos, batendo longos papos com os amigos... Maria Clara gosta de sonhar. Que bom! Ambos formados, ambos trabalhando, conhecendo-nos já há algum tempo, e amando-nos, não há por que esperar. A moça me cativou do primeiro dia com sua meiguice, sua inteligência, sua sensibilidade. É uma fonte de graça no que fala, nos gestos, na transparência de sua alma. Vinte e três anos de riqueza interior que descobri por acaso nos caminhos da vida. Só me cabe renunciar a tudo e conservar essa pedra preciosa!

Agosto, 24. Era uma vez uma menina chamada Cecília... Assim é que gostaria de começar a história de uma moça que, vivendo sem pai até os catorze anos, passou a viver sem pai nem mãe a partir de então. Menina inteligente, cursou o ginásio cuja matrícula ela trancou ao final para se aperfeiçoar numa ocupação, que pouco a pouco se tornou praticamente a razão de ser de sua vida. Pois no amor não tinha sorte. Cecília apaixonou-se do Pena, um molecão que só tinha pernas e mãos para o basquete e nenhuma cabeça para estudos. E o malandro do Pena, saboreados os primeiros beijos da menina de 15 anos, não teve pena dela; começou a namorar uma jogadora. Cecília me confienciava todos os sentimentos nos intervalos do recreio e não raro de volta para casa. Falava-me de suas leituras excessivas, falava-se de seus pensamentos escritos que eu admirava e dos rapazes de que gostava. Do Ivã, por exemplo, que havia fugido com uma moça para o Rio de Janeiro e de onde voltara com um filho cuja educação estava aos cuidados da mãe dele. E era ela quem ouvia os arrependimentos do Ivã, e era ela que saía com ele para distraí-lo. Mas do Ivã não podia ser enamorado: era um amigo. Era o irmão que ela nunca teve.

Cecília... Havia momentos (confesso-o com sinceridade) em que Cecília era insuportável. Era. Não compreendia que ela me exigisse com exclusividade. Ela me exigia a atenção inteiramente para ela. Santo Deus, chegava a me irritar. E agora vejo que a falta de carinho justificava tudo. Era uma menina carente. Conhecia o pai apenas pelo nome: homem rico, da sociedade de uma cidade do interior, que abusara da empregada, de quem nascera uma filha - Cecília. A mãe vagava de cidade em cidade com a menina atrás, à procura de um homem e de um trabalho. A menina crescia ao deus-dará, ultimamente em casa de uma tia onde a mãe a deixou para acompanhar um homem em outra cidade. No dia em que o tio, ao vê-la uma noite sozinha em casa, tentou primeiro seduzi-la com palavras e depois correr-lhe ao encaço, decidiu consigo mesma que moraria sozinha, fosse o que Deus quisesse. E Deus quis que ela com dezesseis anos se arranjasse sozinha para que fosse provando, até a última gota, as delícias e os tormentos da solidão. Solitária de noite, depois de um dia de ativismo

na empresa. A solidão e o ativismo brotaram ambos em seu coração e cresceram entrelaçados, parasita um do outro. Num que outro intervalo, feito oásis de vida em pleno deserto seco, despontava uma aventura de amor. Ela sempre me telefonava no começo ou no término dessas aventuras. Eram amores tempestuosos e curtos, ou pacíficos e longos. Mas eram eles que lhe davam sentido à vida. Eram eles que lhe permitiam respirar sob o peso duro da solidão e do ativismo. Eram eles a voz humana, pessoal, particular que respondia à sua ânsia de companhia e de diálogo. Cecília, nessas aventuras de amor, era uma mulher, cheia de vida e de sonhos, transformada pela ilusão. Pois foi uma dessas aventuras que ela tentou eternizar com a loucura repentina de um casamento.

Achara um rapaz que ela conseguiria dominar, que lhe fazia as vontades, sem família por aqui e que aceitou, depois de curto romance, conviver com ela. Não discutia os horários desordenados e as viagens de trabalho de Cecília para quem seu trabalho era o bem maior da vida. Era o trabalho que lhe permitia a sobrevivência, que lhe dava status, que lhe oferecia vantagens e que a realizava enfim. O rapaz aceitava-a como era. Este amor não tinha a surpresa, a intensidade de outros amores. Dava-se bem com o moço e com ele quis casar-se de repente. Para não ter problemas futuros, nem mudar de nome e, ao mesmo tempo, obter as bênçãos de Deus, casou-se numa capela da Igreja Brasileira aonde chegou num Galaxie preto do patrão que lhe deu uma viagem de presente. Fez até uma bonita festa para os poucos amigos e convidados. Eu estive lá. Porque ela gostava de mim como irmão. Surpresa maior que o próprio casamento ela nos deu ao telefonar, três meses depois, que desmanchara o casamento, que o rapaz deu de interferir em sua vida profissional em função dos horários e viagens a serviço, e que o melhor para ambos era que cada qual seguisse seu caminho. Era demais para mim: fiquei atordoado. Mas assim é a minha querida Cecília. Percebendo que seria difícil um sentimento duradouro com um homem (ela quase aceita que este é afinal seu destino!), tratou de dedicar-se com afinco aos novos filhos pequenos que a mãe deu a um senhor que com ela se firmou. E é de vê-la, à minha Cecília, a levar presentes para os irmãosinhos, a mobiliar a casinha da mãe que a abandonou tempos atrás. Gosta de passar fins de semana com eles e sonhar com eles um futuro melhor.

Um dia soube que na cidade de origem havia outra moça, filha do mesmo pai (mas não da mesma mãe!), e quis conhecê-la, à sua meia-irmã. Imaginava consigo trazê-la para sua companhia, e viverem juntas, e sonharem juntas como irmãs que se querem bem. Foi à cidade, achou-a, contou-lhe o seu caso, ouviu o caso dela e fez o convite. Não houve resposta. A moça, a exemplo dela, seguia o próprio caminho. E voltava para o trabalho mais animada, com nova motivação, desejosa de progredir, de se aperfeiçoar. O trabalho era sua vida. Preocupava-a, porém, sua solidão, sua doce e dolorosa solidão. Não entendia por que uma mulher inteligente, bem dotada, bonita (e Cecília com seus vinte e cinco anos é uma mulher bonita!),